



Há algum artista paradigmático da geração que emergiu durante os anos 90? Talvez não haja, mas a haver o seu nome é João Tabarra. Aos 47 anos, este orgulhoso filho do bairro lisboeta de Alfama inaugurou na quarta-feira passada a sua primeira exposição antológica, no Centro de Arte Moderna. É uma oportunidade de revisitar os últimos 20 anos de uma produção artística com uma componente política decisiva. “Narrativa Interior” junta fotografia e imagem em movimento, instrumentos preferenciais de uma obra atravessada pelo princípio da subjetividade e da possibilidade da ficção como resistência política.

Para trás fica um caminho árduo mas também aventuroso, feito de batismos de fogo e sobrevivências à tangente, que começam com a saída de casa aos 17 anos. “O meu pai queria que eu tivesse uma profissão normal e calhou-lhe um miúdo que desejava viajar e que queria ser artista”, recorda. O destino acabaria por ser a frequência da Escola Ar.Co e o fotojornalismo em “O Independente”, semanário decisivo na renovação da linguagem escrita e visual do jornalismo português e onde Tabarra viria a tornar-se editor fotográfico: “A ideia de que eu fui fotojornalista e que saí do fotojornalismo para ser artista é

João Tabarra no espaço da exposição antológica no CAM

**NARRATIVA INTERIOR**

João Tabarra  
Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa,  
de 13 de fevereiro a 18 de maio



# A POLÍTICA DA ARTE

No momento em que apresenta a sua primeira exposição antológica, João Tabarra fala de si, das razões da arte e dos tempos difíceis que vivemos

Texto Celso Martins

absolutamente falsa. Eu era artista e tive de arranjar um emprego para pagar a possibilidade de continuar." Essa experiência, porém, seria determinante a vários títulos: "Estar em cenários de guerra com risco de vida marcou-me muito humanamente e ajudou a reforçar convicções filosóficas que eu já tinha e uma ideia ética, para mim, fundamental: quando se está a reportar uma realidade, a dimensão estética não pode ter a primazia sobre a informação, senão presta-se um mau serviço."

Os anos 90 trouxeram outras batalhas, as primeiras exposições individuais e coletivas e as agruras de uma geração que encontrou

resistência à sua afirmação: "Na altura houve uma galerista que teve um papel muito importante, que foi a Graça Fonseca, que sem fazer propriamente o papel mais comercial acolhiamos, mostrava o nosso trabalho e perdia dinheiro conosco, mas havia um acordo entre críticos e artistas mais ligados ao que era aceite e que erguiam uma barreira diante de nós, que queríamos fazer outras coisas. Eu tinha 19, 20 anos quando se fez aquela famosa exposição na Casa de Serralves comissariada pelo Fernando Pernes ["Imagens para os Anos 90"] e no dia seguinte abrimos o jornal e lemos: 'Não há novos'." O tempo, porém, encarregou-

-se de varrer alguns obstáculos e Tabarra pôde desenvolver uma obra que foi sempre mudando, mantendo porém alguns dos seus alicerces essenciais, como a presença estruturante da ficção: "Eu preciso com frequência de criar uma primeira camada de leitura que rebenta com tudo. Na série da fada, a fada é um homem. Preciso de destruir o ícone, o seu significado histórico e ficcional. Esse esvaziamento dá-se muitas vezes através do humor, um humor que contém uma certa violência. Preciso de destruir para depois retomar a partir dos escombros uma possibilidade de ficção." Com frequência essas personagens encarnadas por si, mas que não são exatamente autorretratos, surgem enquadradas em paisagens *sui generis* como zonas industriais, subúrbios desprezados e outros lugares pouco edificantes: "Gosto muito de trabalhar em zonas que aparentemente estão devastadas, mas que são sobretudo zonas não resolvidas. São os arrabaldes, zonas de exclusão, onde a arquitetura não chegou, onde não se cria comunidade. Fica uma terra de ninguém que para a dimensão ficcional é um espaço completamente livre."

Em muitas destas imagens temos a sensação que Tabarra pegou no real observável e lhe aplicou uma torção ou o injetou com uns salpicos de maravilhoso ou de uma mitologia alternativa, como se quisesse mostrar que algo está a ficar petrificado, hipnotizado na nossa realidade social e a precisar de uma outra respiração. O que está a falhar, então? "Entre outras coisas, a discussão e a mediação não estão a resultar. Há uma perda gigante da capacidade da palavra. Isso foi arrasado. O valor facial da palavra está de tal forma corroído e incapaz que é residual."

Paradoxalmente, ou talvez não, para Tabarra os últimos anos têm sido de estreitamento da relação com a palavra (escreve artigos sobre cinema para a revista internacional "La Furia Humana"), mas também com o cinema (encontra-se a ultimar uma longa-metragem em parceria com David Legrand e a escrever outra individualmente que em 2016 será produzida na Coreia do Sul). No fundo, são outras tantas maneiras de resistir a estes "tempos terríveis" e de testar uma pergunta muito velhinha: que real poder tem a arte? "Neste momento, não tem nenhum. Talvez devesse haver uma greve em que não houvesse cinema, teatro, dança, livros, ópera, bibliotecas, escolas... Tudo fechado. Que só ficassem os supermercados e os bancos, para que se entendesse o vazio enorme que resta." Enquanto a greve não é convocada, "Narrativa Interior" é visitável no Centro de Arte Moderna. **A**

TIAGO MIRANDA